

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ

INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS

FACULDADE DE CIENCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ACADEMICA: ANA KAROLINA SOUSA LIMA

MSc. CLEIDE PEREIRA DOS ANJOS

**HISTÓRIA ORAL: ORIGEM NO EXTERIOR E HISTÓRICO NO
BRASIL**

MARABÁ

Outubro/2015

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	2
CAPÍTULO I.....	5
1. A INICIALIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL.....	5
2. HISTÓRIA ORAL NO BRASIL.....	7
CAPITULO II.....	11
1. TIPOLOGIA DE HISTORIA ORAL.....	11
A) HISTÓRIA ORAL DE VIDA.....	11
B) HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA.....	12
C) TRADIÇÃO ORAL.....	13
2. HISTÓRIA ORAL - METODOLOGIA.....	14
3. GRANDES NOMES.....	16
CAPITULO III.....	19
1. RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....	19
2. HISTÓRIA ESCRITA E HISTÓRIA ORAL.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

RESUMO

Este trabalho de conclusão curso (TCC) tem por finalidade informar, definir e divulgar a história oral. Com seu nascimento no exterior, a História Oral nasceu e se desenvolveu no Brasil mediante falhas e falta de incentivo por parte da política e da economia vigentes nos diversos períodos históricos. Teve que ganhar forças mediante os historiadores interessados da época, ganhou espaço de verdade em meados de 1990, através da Revolução a favor da democracia no País. Veremos que a História Oral se diferencia em variados tipos, e que pode ser fonte de pesquisas e de apoio pedagógico por Universidades de todo o mundo, o que tem acontecido cada vez com mais frequência. A mesma tem ganhado força ainda, por esforço de grandes empresas, que as usam como arma em prol de sua instituição, uma ótima ferramenta de Marketing, a oralidade e a imagem podem ser vistas, ouvidas e divulgadas hoje, através de propagandas televisivas, de rádios e de jornais impressos, estes veremos com mais afinco no decorrer deste trabalho. Deste modo, este pesquisa bibliográfica, tem como objetivo refletir sobre a importância da história oral, tanto na formação de pesquisadores, seja da área de educação ou outras áreas do conhecimento, quanto no setor econômico. E o nosso problema de pesquisa foi apresentar a história oral para os educadores, através de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados que obtivemos foram que é necessário estudar a história oral desde o seu surgimento, sua importância como ferramenta de pesquisa e de utilização na propaganda político-econômico.

Palavras-Chave: História, Oralidade, Tipologia, Desenvolvimento e Pesquisa.

INTRODUÇÃO

O ofício do historiador é estudar o passado e interpretá-lo a fim de estabelecer uma visão a respeito de determinado fato. A história oral tem dado sua contribuição à humanidade, e uma destas principais contribuições, remete-se ao sentido de documento, e como análise de textos a partir de depoimentos orais. A oralidade em forma de documento é mais do que arquivos de áudio, são confissões e histórias pessoais sobre fatos acontecidos durante os anos de existência do Planeta Terra. A história oral se constitui por três elementos apenas, mas que sem um deles seria impossível constatar alguma veracidade de fatos, estas são: narrador da história, equipamento que grave o áudio e o pesquisador, sem qualquer um destes elementos, não haveria de fato a história oral.

Quando se fala de História Oral, os conceitos de memória e representação se fazem presentes, enquanto construções coletivas significadas e re-significadas, permanentemente. A história oral trabalha necessariamente com as lembranças e os esquecimentos evocados ou silenciados pelos sujeitos naquele momento, reportando-se acontecimentos passados.

A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. (ALBERTI, 2005, p. 17. Grifo do autor)

A oralidade tem peculiaridades que documentos redigidos não podem ou não têm condições de obedecer. Como por exemplo, a formalidade da escrita e regras ortográficas básicas, que se separam por temas e subtemas no desenrolar da história. A oralidade é realizada de forma espontânea, sem uma linguagem padrão, e é este diferencial que muitas vezes chamam a atenção de pesquisadores. Em um áudio pode se sentir a emoção que o narrador passa ao entrevistador, e conseqüentemente aos ouvintes. O entusiasmo e o

sofrimento em qualquer que seja o assunto, nota-se ainda, pela voz do narrador, a veracidade da história, os detalhes que documento escrito nenhum poderia deixar transparecer. Mas não podemos deixar de levar em consideração que, para se fazer uma história oral, é seguido sim um método, trâmites necessários para a formulação do texto, o entrevistador tem que ter todo um cuidado com as preliminares da história, fazer todo um planejamento de como será feita cada pergunta, em que momentos e ter cuidado para não constranger ou chatear o narrador. Exige-se, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas.

A oralidade existe desde os primórdios da terra, mas esta oralidade só começa a se tornar história oral de fato, a partir da Segunda Guerra Mundial, que foi onde a tecnologia começara a ganhar vida, podendo-se assim, fazer com que esta oralidade vire documento, que vire uma história oral. "O gravador foi muito usado na Segunda Guerra e posteriormente popularizou-se", afirma Paulo Miceli. A partir daí é que o termo "história oral" começa a ganhar notoriedade.

Porém, como em tudo há pessoas com opiniões contrárias, o nascimento da história oral incomodou pessoas durante os anos 70, estes principalmente na Austrália e na Inglaterra (onde se difundiram mais profundamente no início), onde foram bombardeadas por críticas de historiadores tradicionais que costumavam trabalhar com a escrita, não com a oralidade, como tudo novo promove o medo, estes historiadores sentiram-se fragilizados e com medo de perder preferência e conseqüentemente seu respeito por tudo que já houverá conseguido com seus relatos escritos dos mais diferenciados. Mas, felizmente, com o passar do tempo, fora notado que a história oral tinha chegado para complementar a escrita, e não para substituí-la.

Veremos então, a partir daqui, detalhadamente, grandes nomes da história oral, fundações que apoiam e trabalham em prol desse tipo de documento, desenvolvimento em conseqüência do passar dos anos, a sua inicialização no Exterior e fundação e

desenvolvimento no Brasil. O texto está organizado em três capítulos que apresentam a nossa pesquisa bibliográfica sobre a história oral.

Capítulo I:

1. A INICIALIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL

Segundo Queiroz (1988), Thompson (1992) e Becker (1993), a história oral foi utilizada desde o início do século 20 até a década de 50, por sociólogos como W.I. Thomas e F. Znaniecki e também por antropólogos, como forma de preservação da memória oral de tribos. Ferreira (1998) explica que a história oral se desenvolveu, de forma significativa, em países da Europa ocidental e Estados Unidos (EUA), onde foram realizados vários encontros que agregavam, também, mesmo que com participação menor, pesquisadores da Ásia e América Latina.

História Oral é carregada de significações que as narrativas foram adquirindo ao longo da existência do depoente. Hoje a História Oral não é somente um dos vértices da triangulação como tarefa do historiador, mas é História mesma, para tanto segue rigorosamente procedimentos metodológicos reconhecidamente científicos.

A história oral começou a ser difundida nos Estados Unidos (EUA) em meados de 1950, quando fora inventado o gravador de áudio, então esta técnica começou a ser utilizada em países da Europa e também no México. Esta técnica foi então ganhando adeptos pelo fato de aproximar entre si historiadores, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos, etc. na visão de aprimorar as condições de se trabalhar em cima da história em diversas áreas. A história oral dá voz a sujeitos anônimos, permite a revelação de acontecimentos, experiências e mentalidades que não se encontram nos documentos escritos (Janotti, 1996).

O que hoje se conhece por História Oral, viés aceito pelos novos historiadores, mas ainda, compreensivelmente, visto com reservas pelos documentalistas, surge nesse contexto, colocando-se como uma possibilidade para estudos em história contemporânea.

Segundo Meihy (2005, p.93) a história oral, de início, “combinou duas funções complementares: 1) a de registrar e 2) a de divulgar experiências relevantes e estabelecer ligações com o meio urbano que consumia as entrevistas, promovendo assim um incentivo para a compreensão e o registro da história local”, indicando, assim, o seu compromisso público no interesse da coletividade.

A fonte oral é a base primária para a obtenção de qualquer forma de conhecimento, seja ele científico ou não, o que vai dar legitimidade científica serão os critérios adotados na busca desse conhecimento. As narrativas ganharam caráter científico quando os argumentos foram sistematizados, arranjados metodologicamente, equiparados uns aos outros em diálogo continuado e cumulativo e assumidos profissionalmente. (Meihy, 2005).

As entrevistas de história oral eram, e é até os dias atuais, realizadas como formas de se descrever fatos concretizados que aconteceram no passado. Histórias contadas por pessoas que participaram ou simplesmente testemunharam o acontecido, através de uma sequência de perguntas feitas pelo entrevistador.

A história oral tem ainda, como um de seus objetivos, tornar igual todas as pessoas, independentemente de cor, religião, sexo, posição social ou idade. Tende-se a absorver testemunhos de mulheres e idosos e trabalhadores braçais, pois estes também vivenciaram histórias muito importantes no decorrer do tempo, conquistas, frustrações, vitórias, derrotas, e estas histórias contadas se valem de uma perspectiva nova, de uma visão diferente do que outras técnicas demonstram, que levavam em consideração apenas pessoas ditas importantes para a sociedade, pessoas da burguesia, do clero.

Alberti (1990, apud SILVA, 1998, p.118) define história oral como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.

Foi então que historiadores começaram a ir atrás de histórias de trabalhadores e de pessoas comuns, para ver o outro lado da moeda, como era a vida por trás do que era contado pelas pessoas importantes da época. Então nota-se que boa parte dessa nova entrevistada, já é constituída por pessoas de idade mais avançada, pois os pesquisadores começaram a querer esclarecer os acontecimentos do passado, levando em consideração pessoas que eram esquecidas na história. Agora elas fazem parte desta história.

É importante destacar que a história oral tem relevante função política, pois se compromete com a democracia - por ser condição para sua realização - e, com o direito de saber - por permitir veicular opiniões variadas sobre temas do presente (Meihy, 2005).

2. HISTÓRIA ORAL NO BRASIL

Dificuldades assolaram o crescimento e o reconhecimento da história oral no Brasil, estes, por dois motivos principais. Primeiro por uma ordem política, falta de apoio, suporte e etc. e por questões econômicas. Já por outro lado, pelas próprias características de concepção de história dominante em meios acadêmicos.

No Brasil não foi muito diferente do resto do mundo, com suas atividades iniciadas por volta dos anos de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC, historiógrafos brasileiros buscavam os esclarecimentos para a sua descendência, para histórias ocorridas no Brasil anos antes, para documentar em áudio tudo o que já se sabia, mas de uma forma diferenciada, e ainda para buscar novos roteiros para histórias já documentadas em papel. Ainda, em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, onde reúnem-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, aonde editam uma revista e um boletim.

A introdução da história oral no Brasil ocorreu essencialmente através dos meios acadêmicos, dos centros de pesquisa e das universidades. Paralelamente aos programas institucionais, a história oral difundiu-se também entre pesquisadores individuais que preparavam teses de mestrado e doutorado (FERREIRA, Marieta de Moraes. Pag. 5). Constata-se que, no Brasil, a história oral é praticada, majoritariamente no âmbito da academia.

Na obra “História Oral: Possibilidades e Procedimentos”, de Sônia Maria de Freitas, publicada pela USP em 2002, é detectado num primeiro momento, um paradigma sobre a questão da credibilidade do testemunho oral na perspectiva da tradição historiográfica do século XIX, com a mudança de abordagem proporcionada com o lançamento da revista dos *Annales*, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre.

No primeiro encontro de História Oral, realizado em 1992, foi proposta a criação de uma Associação Brasileira de História Oral. No encontro seguinte, realizado na Fundação Getúlio Vargas em 1994, a ABHO foi fundada e a assembleia aprovou seu estatuto que definiu a História Oral como o “trabalho de pesquisa que utiliza fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia é utilizada” (Estatuto da ABHO, Parágrafo Único).

Meihy (2002) observa que, devido ao golpe de 64, o uso da história oral no Brasil se arrefeceu, já que gravações de experiências, opiniões ou depoimentos foram coibidas. Havia, na época, dificuldades de ordem política e econômica, ligadas ao regime ditatorial, que impediam a abertura às entrevistas, pois os indivíduos tinham medo de dar depoimentos. Com a flexibilização da ditadura, em 1975, inicia-se, no CPDOC/FGV-RJ, um programa pioneiro de história oral, que passou a captar depoimentos da elite política nacional e a disponibilizá-los em um acervo (Meihy, 2002). Posteriormente, as rápidas transformações da sociedade brasileira favoreceram o uso da técnica como forma de deixar documentada a memória de eventos que poderiam se perder no tempo (Queiroz, 1988).

No Brasil, o golpe militar de 1964, entre incontáveis prejuízos na construção do conhecimento de uma forma geral e avanços na conscientização sociopolítica da população, também influenciou de forma negativa o desenvolvimento da história oral, pois, coibiu projetos e registros que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos. Na década de 1970, tentativas de resistência foram feitas, destacando-se a criação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. A parceria dessa fundação com a Fundação Ford e a publicação em 1979 do texto História oral: teoria e técnica, de C.H.P. Correia teve como intuito estruturar uma organização ampla e de alcance nacional, porém pela falta de ambiente democrático essas ações não frutificaram (Meihy, 2005; Reinaldo, Saeki, & Reinaldo, 2003).

É interessante notar que, entre os diversos autores que escrevem sobre história oral, ou que a utilizam, não há um consenso sobre o seu conceito. Alguns, como Verena (1990), entendem-na como uma metodologia de pesquisa (também assim a história oral é conceituada no site da Associação Brasileira de História Oral). Para outros, como Queiroz (1988), a história oral pode ser uma técnica de coleta de dados:

História oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo (história de vida) ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade (tradição oral). (Queiroz, 1988, p.19)

Não se pode deixar de levar em consideração que a história oral sofreu para ser reconhecida como método de estudos e pesquisa, sobre os desafios enfrentados por exemplo até os anos 90 no Brasil, podemos dizer que a história oral, pouco a pouco, ganhou novos adeptos, mas de forma precária e desorganizada. Sobre sua precariedade, até os anos 90 a história oral não merecia figurar nos currículos dos cursos universitários, implicava pouca reflexão e não constava das programações de seminários e simpósios. (FERREIRA, Marieta, 1998).

Sobre as dificuldades para esta falha no crescimento, podemos apontar questões de ordem política e econômica, e de outro, as características da própria concepção de história

dominante nos meios acadêmicos brasileiros. Foi a partir deste ano então que começara a se solidificar de fato a história oral no Brasil, pois a democracia começou a tomar força e com ela as opiniões dos adeptos da história oral ganhara espaço no Brasil.

Sabe-se ainda que a história oral se subentendia como tendências, e a tendência que era muito aclamada pelo decorrer desta década era, além da acadêmica, a de ser usada como técnica de *Marketing*, o que explica esse interesse das empresas em patrocinar iniciativas com fins de propaganda com forte apelo ao passado e à memória? O historiador francês Pierre Nora tem produzido interessantes reflexões acerca do papel da memória e das comemorações nas sociedades contemporâneas. Uma delas, que se pressupõe como ideia básica, é de que as sociedades, preocupadas com a perda do sentido do passado e com o aprofundamento da capacidade de esquecer, têm procurado recuperar o passado estabelecendo caminhos para uma redefinição de identidades. A partir do momento que temos clareza sobre o que é História Oral, e o seu papel na pesquisa científica em história, podemos nos deter no próximo capítulo nas tipologias da História Oral.

Capítulo II:

1. TIPOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL

Há 3 tipologias de história oral, da qual descrevemos história oral de vida, história oral temática e tradição oral. A História Oral de Vida constitui a narrativa do conjunto de experiências de uma pessoa; a Tradição Oral trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo das comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais, asseguradas em referência ao passado remoto; e a História Oral Temática, em que o compromisso é a elucidação ou a opinião do narrador sobre algum evento definido (Meihy, 2005).

a. HISTÓRIA ORAL DE VIDA

Para a História Oral de vida, deve levar em consideração que:

- Sujeito primordial é o depoente.
- Retrato oficial do depoente.
- A verdade está na versão por ele apresentada.
- Narrador é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas.
- As perguntas das entrevistas devem ser amplas, sempre colocadas em grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado.
- O entrevistador não deve contestar o entrevistado.

A história oral de vida, remete-se ainda, à registros de experiências de vida próprias dos entrevistados. Normalmente, este tipo de relato não é constituído por normas antes planejadas, não há perguntas programadas, neste tipo de entrevista, o entrevistador tende a deixar o entrevistado à vontade para dar seu relato, que normalmente são longos e entusiasmantes. Ainda neste tipo de entrevista oral, é de suma importância que se mantenha

uma individualização do contexto. Os dados coletados no decorrer da entrevista, desde o mais singelo fator, até os fatos mais detalhados são de suma importância, e não se pode deixar de conhecer estes dois lados, pois são através deles que se conhece a verdadeira essência da história de cada ser.

Baseando-se na concepção de História oral proposta por Meihy & Holanda (2008), entendendo-a como:

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Ainda sobre esse tipo de história oral, Meihy & Holanda (2008) denominaram de História Oral de vida como:

No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diversos dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espalha nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções.

b. HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

Já para a História Oral Temática, o que se deve levar em consideração é que: é a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. A entrevista é mais um documento, compatível com a busca de esclarecimentos e, por isso, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica mais explícito.

Parte de um assunto específico e preestabelecido a objetividade é direta, pois a temática gira em torno de um esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. Pretende-se que a história oral temática tenha alguma versão de um acontecimento que seja discutível ou contestatória. O entrevistador tem papel mais ativo, inclusive de contestação do que o entrevistado diz. Detalhes da vida pessoal do narrador interessam por revelarem aspectos úteis à informação temática central.

Vinculada a um relato de algo específico, a história oral temática é um dos métodos variantes mais usadas da História Oral, não levando muito em consideração o relato de vida em si, nem suas vertentes, porém, segue-se um roteiro para se executar a entrevista. Ainda pode se notar que, quase que na maioria dos relatos fragmentados, já foram expostos de alguma outra versão, como o relato escrito. Este serve ainda, para preencher lacunas de notícias já expostas à mídia ou à população, acabam servindo como “acompanhamento” de histórias já contadas.

c. TRADIÇÃO ORAL

E para a Tradição Oral, deve-se levar em consideração que: trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto. Remete às questões de um passado longínquo que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional. Exemplos de estudos de tradição oral: destino dos deuses, semideuses, heróis, personagens históricos e malditos, origem de povos, calendários, festividades, rituais, cerimônias cíclicas. O sujeito neste tipo de pesquisa é sempre mais coletivo e menos individual. Seu uso é comum em estudos de tribos e clãs, que resistem à modernidade. A entrevista deve abranger pessoas que sejam depositárias das tradições.

A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Esta, diferentemente da história oral temática e da história oral de vida, que visam o indivíduo como o foco da entrevista, pois estes são aqueles que vivenciaram as situações, a Tradição Oral visa transparecer uma cultura, transmitir mitos e tradições que na grande maioria das vezes, é transcendente dos próprios depoentes.

No caso da tradição oral, estuda-se fundamentações éticas e dão voz a este grupo que historiograficamente são ameaçados. Precisando da ajuda de outros, para assim poder exprimir seus relatos e poder fazer parte da história.

2. HISTÓRIA ORAL: METODOLOGIA

Há ainda, outros tipos de história oral, tais como a teoria metodológica, teoria técnica e a teoria como disciplina, como veremos a seguir, respectivamente:

Segundo Alberti V. História oral a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1990:

[...] a história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

Apenas eventos ocorridos na história, em instituições, nos grupos sociais, entre milhares de outros fenômenos, como também o objeto à luz dos depoimentos dos indivíduos que vivenciaram o fenômeno que se pretende analisar. (R Enferm UERJ 2005; 13:97-101. • p.99)

A história oral como metodologia é assim descrita:

[...] um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenham um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e na versão que brotam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (Lozano JEA. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: Ferreira MM, Amado J, organizadores. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1996. p. 15-27.11:16.)

Conforme o pesquisador francês Joutard (2006, p. 43), “afora a história africana, que, desde os primórdios, serviu-se de fontes orais, a história se constituiu cientificamente, desde o século XVII, a partir da crítica à tradição oral e, mais genericamente, do testemunho”.

Para Queiroz (1987), o relato oral tem sido, através dos séculos, a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, ou seja, a maior fonte de dados para a ciência em geral; a palavra antecedeu o desenho e a escrita. Na década de 1990, as pesquisas em história oral passam a privilegiar a valorização da subjetividade, como substrato dessa abordagem metodológica. Para alguns estudiosos, trata-se da própria finalidade da história oral: “Onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original”. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 34).

A metodologia de história oral, ao se afirmar nos pressupostos de uma nova compreensão de ciência, representa a tentativa de superação de um paradigma de ciência tradicional em que uma teoria só poderia ser considerada científica, almejando princípios como a simplicidade, objetividade, estabilidade na interpretação de um dado fato ou acontecimento. Esse caminho explicativo assumido pela ciência, quando não considera necessariamente a ação do observador, o biólogo Humberto Maturana (2002) define como objetividade sem parênteses.

Na compreensão de Vasconcellos (2010), a categoria explicativa da objetividade entre parênteses consolida a abordagem novo-paradigmática emergente de ciência, a partir do século XX:

A objetividade entre parênteses é então a dimensão do paradigma que traz o sujeito do conhecimento para o âmbito da ciência, superando a ruptura que nos foi legada por Descartes. A ciência agora pode tratar cientificamente tanto do objeto quanto do sujeito do conhecimento. (VASCONCELLOS, 2010, p. 167).

3. GRANDES NOMES DA HISTÓRIA ORAL

A adesão de vários estudiosos, entre eles Paul Thompson, na Inglaterra, Mercedes Vilanova, na Espanha e Danièle Hanet, na França, pode ser apontado como um dos aspectos indicativos da expansão de seu uso na Europa (Reinaldo, Saeki, Reinaldo, 2003).

"No século XVI, temos Bernardino de Sahagún, que quis entender os povos conquistados pelos espanhóis e os entrevistou", afirma o historiador Paulo Miceli. Ainda segundo Miceli, a relação sobre relatos orais, utilizada para a compreensão da história, foi utilizada por vários historiadores das maneiras mais variadas.

Nascido em 1935, Paul Thompson é professor de sociologia aposentado da Universidade de Essex. É ainda um dos pioneiros da história oral na Grã-Bretanha, e hoje remete-se a uma das maiores autoridades mundiais na reflexão e utilização da história oral para o registro histórico. Talvez o nosso maior aprendizado com as leituras de Paul Thompson seja a noção de que os nossos caminhos de análise estão sempre em construção, as noções que nos ajudam a interpretar são constantemente refeitas. A teoria não é uma receita mágica para os nossos problemas ou questões de investigação, porque afinal as questões são nossas. Nesse sentido é que destacamos a atualidade das reflexões deste autor.

Reportando-nos a Paul Thompson e com ele dialogando, podemos inferir, que através da ativação, espontânea ou não, do ato de lembrar os homens podem:

- Reacender e reviver utopias e sonhos de um tempo anterior que marcou suas vidas individuais ou comunitárias;

- Reconstruir a atmosfera de outros tempos, lembrando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana;
- Reacender emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais;
- Lembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História;
- Representar e reativar correntes de pensamento;
- Reviver embates políticos e ideológicos;
- Reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

Há grandes nomes na História Oral além dos citados acima, dentre eles, Luísa Passerine e Alessandro Portelli, conforme veremos a seguir:

LUISA PASSERINE

Historiadora oral, professora de história, escritora e editora, Luísa Passerine é Italiana e começou sua carreira de pesquisadora nos países da Zâmbia e na Tanzânia. Luísa Passerine retornara à Itália por volta de 1960, 1970 para poder participar de um movimento feminista, de onde surgira o livro de memórias “A Autobiografia de um General”.

Também atuante como professora, lecionou nos países da Austrália, Alemanha e Estados Unidos, e principalmente em seu país de origem, onde é professora de História pela Universidade de Turim. Além dela estar sendo diretora do grupo de pesquisa Europa: Emoções, Identidades, Política no Kulturwissenschaftliches Institut, Essen, é a ganhadora do Prêmio de Pesquisa de Nordrhein-Westfalen para 2002-04.

Detentora de um invejável patrimônio histórico, Passerine é dona de uma vasta gama de artigos e documentos escritos e orais aclamado por várias pessoas por todo o mundo. Luísa Passerine é além de professora, escritora e editora, de onde produziu sete livros e foi editora de oito. Passerine atua como historiadora oral, ultimamente, descrevendo a Segunda Guerra Mundial (SGM), focando na memória e na resistência dos fatos.

ALESSANDRO PORTELLI

Nascido em Roma e criado em Terni, na Itália, Alessandro Portelli nasceu no oitavo dia do mês de Julho do ano de 1942, este tem uma importante biografia como historiador oral, como escritor e também como professor, atuante na área de literatura anglo-americana em uma Universidade de Roma. Como historiador oral, se destaca por ter relatado os conflitos industriais da Itália, como em Harlan County e Terni, além de outros. Portelli se formou na Universidade de La Sapienza de Roma em Direito em 1966 e em Inglês em 1972.

Sobre Alessandro Portelli, Mary Marshall Clark, da Universidade de Columbia resume seu significado discriminando que: "O trabalho de Portelli transformou a história oral de ser uma espécie de enteado da história em um gênero literário em seu próprio direito. Ele nos permitiu ver histórias orais com mais do que relatos de testemunhas oculares que são qualquer um verdadeiro ou falso e procurar temas e estruturas das histórias". Portelli tem sido um contribuinte para o jornal O Independente de esquerda italiano Il jornal diário manifesto desde a sua fundação em 1971. Em 1972, ele fundou a Portelli Circolo Gianni Bosio, um coletivo ativista dedicado a estudar o folclore, a história oral e a das pessoas. De 2002 a 2008 foi Presidente da Câmara de conselheiro de Roma para a memória histórica, e ele serviu um ano (2006-7) na Câmara Municipal de Roma.

No outono de 2013, Portelli se envolveu na campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções contra a ocupação israelense da Palestina depois de aceitar um convite para uma conferência de história oral internacional organizado pela Universidade Hebraica de Jerusalém. A seguir apresentamos o terceiro capítulo para apresentar a relação entre memória e história oral, após termos apresentado os preceitos e os principais autores que trabalham com história oral neste segundo capítulo.

Capítulo III:

1. RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

De acordo com Hobsbawm (1998), desde que a História passou a ser encarada como um campo científico, se distanciou da memória, uma vez que a História priva a universalidade, a memória, que é coletiva, visa ao particular para sobreviver. Segundo estudos, a memória oral foi definida como técnica moderna de documentação histórica em 1948, pelo historiador da Universidade de Columbia, Allan Nevins, onde começara a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana.

Sobre o uso da história oral como uma ciência de informação, Cunha (2003) afirma que:

Nossa missão como bibliotecários, é facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, de discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação. Desta forma, nossa missão como agentes de transformação social é plenamente realizada. (CUNHA, 2003, p. 45)

Devemos levar em conta que, para a ciência da informação, a história oral deve ser incorporada a projetos em que se envolva à recuperação da memória de algum determinado fato, e que se torne capaz de ser ou como alternativa ou principal fonte de pesquisa para trabalhos dos mais variados tipos. Como visto no início deste trabalho, na Inglaterra e na Austrália, grupos sociais se negaram a aceitar a história oral como nova técnica de ensino e de arquivamento de notícia ou de documento, grupos como Grupo de Memória Popular Britânico do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham (Inglaterra). Porém, já no final da década de 80, estes mesmos radicais contra, começaram a notar que estavam sendo influenciados pelas novas abordagens sobre reminiscência e subjetividade.

A moderna História Oral nasceu na Universidade de Columbia, em Nova York, em 1947, a partir da organização sistemática e diferenciada de um arquivo, realizada por Allan Nevins, que oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura face às entrevistas. (MEIHY, J., 1996, p.19). Portelli (1997) afirma que é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados. A subjetividade é fundamental para a história oral.

A memória é conhecida há mais tempo do que se possa imaginar, na Grécia por exemplo, Aristóteles e Platão já falaram sobre o assunto com afinco. Para Platão, memória é conhecimento da verdade e o trabalho fundante do todo. O filósofo rejeita a escrita, pois para ele a mesma é a morte da memória e há incompatibilidade entre a Verdade e entre o que está escrito (SMOLKA, 2000).

Aristóteles distingue a memória (faculdade de conservar o passado) da reminiscência (faculdade de invocar voluntariamente o passado). Para o autor, as impressões sensoriais são a fonte básica do conhecimento, as percepções trazidas pelos sentidos são trabalhadas pela faculdade da imaginação e são os frutos desse trabalho que serão materiais para a faculdade intelectual. “A memória pertence àquela parte da alma à qual a imaginação também pertence” (Aristóteles, 1986, p.291 apud SMOLKA, 2000).

Ainda sobre a memória, podemos afirmar que esta, juntamente com o tempo, o espaço e a história andam sempre juntas. Onde muitas vezes é feita através de uma tensa relação entre reconstrução e apropriação da memória pela história. O termo memória teve sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se as lembranças e reminiscências. (BEAR, 1996).

E na Idade Média, São Tomás de Aquino afirmava que a memória se formulava em três em regras básicas, primeiro que a memória está ligada ao corpo, em seguida que ela é a

razão, e ainda que a memória é o ato de recordar situações e fatos. Segundo Bergson (1896) a memória é “o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. Le Goff (2003) define memória como “fenômeno individual e psicológico”.

A memória é considerada, de acordo com a dimensão social que representa, uma realidade onde se mesclam o individual e o coletivo, possibilitando uma compreensão diferenciada daquela transmitida pela documentação tradicional. Além do mais, ela permite revelar aspectos ou espaços sociais outrora esquecidos ou relegados, fazendo brotar a lembrança dos que se consideravam excluídos do processo histórico. Uma das críticas apresentadas às possíveis limitações presentes no uso. (Gisafran Jucá, 2002, Pag. 73).

A terceira categoria de elementos constitutivos da memória é a categoria dos lugares. Para o autor existem lugares da memória, lugares que nos remetem a uma lembrança, pessoal ou não. Pierre Nora, também vai ao encontro dessa ideia e vai elencar lugares criados para a salvaguarda da memória. As bibliotecas, museus e arquivos, trabalham como lugares de memória institucionalizados, uma vez que esses locais “são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões de eternidade”. (NORA apud SILVEIRA, 2007).

Sobre memória individual e coletiva, Pollack afirmou, em uma conferência da CEDOC em 1987, em Brasília que:

Acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. (POLLAK, 1987)

Podemos notar então, a grande ligação entre a memória e a oralidade, pois como ser locutor de um fato sem que se tenha na memória o que aconteceu? Como um soldado que participou de uma guerra pode dar testemunho de uma batalha sendo que durante a mesma ele perdeu os sentidos e a memória por uma pancada forte que levou durante a guerrilha? São perguntas simples que nos fazem entender o quão importante é precisar de um para assim, poder descrever o outro. Porém, algumas coisas as fazem se afastar. Sobre a memória,

segundo Antônio Cesar de Almeida Santos, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPr):

Entendemos que a memória, individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade, e é o que torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato, fundado na memória, é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significações e reestabelecer relações com o passado, permitindo apreender a dinâmica da própria sociedade.

A memória se subdivide, estas entre memória individual e memória coletiva. Então, quais são os elementos que constituem a memória tanto individual quanto coletiva? Para alguns estudiosos da História Oral, esses elementos são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente, e em segundo lugar, aqueles acontecimentos vivenciados pelo grupo ao qual o indivíduo se sente pertencer (POLLACK, 1992). E não é sem razão que Carmelo Distante, recorrendo à voz da poesia afirma: “Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado” (Distante, 1998, p. 84).

De acordo com José Carlos Reis (1994, p. 98), o tempo da História não perde de vista a relação entre passado, presente e futuro. Privilegia a sucessão e o evento, procurando inscrevê-lo em alguma ordem. E ainda, sobre a singularidade para a definição de memorando de cada um, Le Goff afirma que:

A contradição mais flagrante da História é sem dúvida o fato de seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que seu objetivo, como o de todas as ciências é atingir o universal, o geral, o regular. (Le Goff, 1984, p. 169)

A maior contribuição de história oral e memória são a de buscar evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre em curso, como afirma Boaventura Santos (1994, p. 127-9). Júlio Pimentel Pinto afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio que história, meio ficção,

universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (Pinto, 1998, p. 307). Para Bobbio, a possibilidade de pesquisar memórias é tão significativa que, ao refletir sobre o ato de rememorar, constata:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (Bobbio, 1997)

Com relação a problemática da memória, Michael Pollak argumenta que a memória é formada por três elementos constitutivos: acontecimentos, personagens e lugares. O autor trabalha com estes elementos de forma individual e coletiva, pois seu esquema de explicação organiza-se em experiências vividas pela própria pessoa ou pelo grupo ao qual esta pessoa pertence, ainda que não tenha envolvimento direto com determinada experiência. Então, sendo uma metodologia, a história oral contribui para o desenvolvimento de uma série de técnicas e procedimentos metodológicos que auxiliam a produção do conhecimento em história através da memória.

2. A HISTÓRIA ESCRITA E A HISTÓRIA ORAL

A escrita, embora desfavoreça de certo modo o contato pessoal, a situação dialógica face a face, ganha em potencialidade e, ao contrário da evanescência dos recursos orais, permite que a situação por ela fixada possa ser retomada, desafiando o tempo, abrindo-se à possibilidade de ser revivida, tirada da letargia dos símbolos impressos, pelo mudo diálogo autor/leitor. (Antonio Vicente Marafioti Garnica 1998 pag. 28).

Ao buscarmos a inter-relação entre memória e história oral, partimos da compreensão de que a narrativa ressignifica a história, por meio da memória, contada de forma oral ou escrita. As restrições se visualizam inclusive pela ausência da História Oral

entre as metodologias apresentadas num curso de graduação. Nem figurava nos currículos dos cursos universitários e muitas vezes nem mesmo programações específicas de seminários e simpósios. No decorrer dos anos, esse quadro veio se alterando pela afirmação de alguns núcleos de pesquisa e pela demanda importante não só na comunidade acadêmica, mas em setores diferenciados da sociedade, segundo Ferreira (1996, p. 14).

Enfatiza-se, sobre a metodologia da história oral que:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado (Alberti, 1990, p. 16)

A História Oral possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial possam ser ouvidos, segundo Oliveira: "oportuniza ao povo que se movimenta e fale por si mesmo. É a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história [...]" (Oliveira, 1997, p. 3).

A peculiaridade da fonte oral reside na riqueza oferecida pela rede de signos, sentimentos, significados e emoções, expressa pelo narrador ao pesquisador, em forma de dados coligidos, expressando em si mesmos, tanto pela abundância (quantidade) como pela qualidade que o material dessa natureza (depoimentos diretos) potencializa (Oliveira, 1997).

Já em método comparativo, sabemos que a narrativa, a memória e a história oral tornam possíveis e geram alternativas para a reconstituição da história. No entanto, é necessário por parte do pesquisador o reconhecimento e um novo olhar em relação a conceitos estabelecidos por um olhar estático, na percepção de um objeto descontextualizado. A narrativa é sempre a narrativa de um fragmento, a experiência nunca cabe por inteiro em uma narrativa, ela se encontra na dinâmica da organização da experiência, mas não poderá totalizá-la. A narrativa oferece leituras plurais e torna possível

o aparecimento de outros pontos de vista, requer integração na construção do novo conhecimento, na reconstituição da história. A análise das histórias individuais permite a reconstrução das relações sociais, dos acontecimentos, requer conhecimento do contexto, investigação e cautela. (Jesus Teresinha, 2006). E assim, a História Oral, em todas as suas nuances e perspectivas, é um recurso de pesquisa fundamental para as ciências humanas de um modo geral, incluindo a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pudemos ver como foi a repercussão desde o nascimento até a modernização, passando pela aceitação e pelas dificuldades de inserção da História Oral, tanto no Exterior e com foco no Brasil.

Pudemos analisar e diferenciar os tipos de historiografias, tais como orais, escrita e com relação direta à memória, vimos ainda suas variações e tipologias, como história oral de vida, história oral como metodologia, história oral temática e seus conceitos. Destacamos com precisão grandes historiadores, que apoiaram a mudança que formam as bases para esta luta.

No Brasil fora realizado alguns simpósios e encontros voltados à História Oral, com diferentes referenciais, e que no Brasil, foi fundada a Fundação Getúlio Vargas, a maior do Brasil, onde está armazenada diversas entrevistas e que hoje é um dos maiores acervos bibliográficos e orais da história do país.

Pudemos analisar o por que a história oral seria tão importante para as nações, quais fatos relevantes foram levados em consideração para este acontecimento, e quais os principais pontos enfrentados até hoje podem ser mais levados em consideração e melhor analisados para que haja um progresso ainda maior sobre o tema, pois vemos que a questão política e econômica do país foram os maiores impasses que foram enfrentados pelo Brasil. Pois sabemos ainda que a história oral só ganhou força a partir do ano de 1990 através da Revolução Democrática no país, mas que crescera de forma desordenada, e que ainda hoje não foram bem estruturados.

Então, este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem por foco e objetivo central o de analisar e divulgar o tema para que este possa ser cada vez mais visto como técnica de estudo e de ensino, e de pesquisa para trabalhos acadêmicos, onde pode também ser usado

de forma coletiva e por empresas, em *Marketing* e propagandas, que têm ganhado bastante força e adeptos pela mídia geral, seja propaganda Televisiva, de rádio ou de jornal impresso.

Referências

- Alberti, V. (2000). Indivíduo e biografia na história oral. *Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil*, pp. 1-5.
- Almeida, P. R., & Koury, Y. A. (Jan./Jun. de 2014). HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIAS: ENTREVISTA COM ALESSANDRO PORTELLI. *História e Perspectivas*, pp. 197-226.
- Amorim, M. A. (Jan./Jun. de 2012). História, Memória, Identidade e História Oral. *REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL*, pp. 107-112.
- Barbosa, R. R. (2009/2010). O USO DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL. pp. 1-12.
- Cappelle, M. C., Borges, C. L., & Miranda, A. R. (23-25 de Maio de 2010). Um Exemplo do Uso da História Oral como Técnica Complementar de Pesquisa em Administração. *VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, pp. 1-13.
- Cardoso, H. H. (2009). FONTES ORAIS NA HISTÓRIA SOCIAL: DESAFIOS E CAMINHOS DE INTERPRETAÇÃO. *ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História*, pp. 1-9.
- Cardoso, H. H., & Khoury, Y. A. (12 a 17 de Julho de 2009). XXV Nacional de História e Ética. *Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza, Ceará, Brasil.
- Cassab, L. A., & Rusceinsky, A. (2004). INDIVÍDUO E AMBIENTE: A METODOLOGIA DE PESQUISA DA HISTÓRIA ORAL. pp. 7-24.
- Delgado, L. d. (Junho de 2003). História oral e Narrativa: Tempo, memória e Identidades. *HISTÓRIA ORAL*, pp. 9-25.
- Ferreira, M. d. (1996). Usos & Abusos da História Oral. *Fundação Getúlio Vargas*, pp. 1-227.
- Ferreira, M. d. (Junho de 1998). DESAFIOS E DILEMAS DA HISTÓRIA ORAL NOS ANOS 90: O CASO DO BRASIL. *História Oral*, pp. 19-30.
- Ferreira, M. d., Fernandes, T. M., & Alberti, V. (2000). *História Oral: Desafios Para o Século XXI*. Rio de Janeiro : FioCruz Editora.

- Filho, J. d. (s.d.). *Jornal UNESP*. Fonte: UNESP:
<http://www.unesp.br/aci/jornal/204/suplec.php>
- Frazier, T. (14 de Fevereiro de 2014). *Ronald J. Grele*. Fonte:
<http://incite.columbia.edu/summer-institute-ccoahr/>
- Gallian, D. M. (Agosto/Julho de 1991/1992). O HISTORIADOR COMO INQUISIDOR OU COMO ANTROPÓLOGO? Um Questionamento para os "Historiadores Orais". *R. História*, pp. 93-103.
- Garnica, A. V. (1998). O ESCRITO E O ORAL: UMA DISCUSSÃO INICIAL SOBRE MÉTODOS DA HISTÓRIA. *Revista Ciencia & Educação*, pp. 27-35.
- Haasi, C. (2012). A HISTÓRIA ORAL COMO ITINERÁRIO DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONSTRUINDO NARRATIVAS DE "ACEITAÇÃO DO OUTRO COMO LEGÍTIMO OUTRO" . pp. 1-16.
- Jucá, G. N. (Janeiro/Junho de 2002). Fortaleza na visão dos idosos: Onde o público e o privado se entrecruzam. *O Público e o Privado Nº 1*, pp. 71-85.
- Jucá, G. N. (Julho/Dezembro de 2003). O Significado da Ferrovia no Cotidiano da Vida Interiorana. *O Público e o Privado Nº 2*, pp. 37-45.
- Laverdi, R., Frotscher, M., Duarte, G. R., Montysuna, M. F., & Montenegro, A. T. (2012). *História Oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Editora Universitária UFPE; Editora UFSC.
- Lisboa, T. K., & Gonçalves, R. d. (14 de Maio de 2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Rev. Katál Florianópolis*, pp. 83-92.
- Meihy, J. C. (1994). Definindo História Oral e Memória. *Cadernus CERUS nº 5 Série 2*, pp. 1-9.
- Meihy, J. C. (2006). OS NOVOS RUMOS DA HISTÓRIA ORAL: O CASO BRASILEIRO. *Revista de História*, pp. 191-203.
- Neto, A. d., Machado, B. A., & Montenegro, A. T. (15 de Maio de 2009). História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008). *História Oral no Brasil*, pp. 65-113.

Nogueira, T. d. (s.d.). MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E NARRATIVA: O ENCONTRO DO POSSÍVEL NA MULTIPLICIDADE DE PONTOS DE VISTA . pp. 1-13.

Oral, R. H. (2015). *Revista*. Fonte:
<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho>

Os Novos Campos da Profissão da Informação na Contemporaneidade. (16 a 22 de Janeiro de 2011). *XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da informação* , pp. 1-9.

Passerini, L. (Dezembro de 1993). Mitobiografia em História Oral. *Proj. História*, pp. 29-40.

Portelli, A. (1996). A Filosofia e os Fatos Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, pp. 59-72.

Portelli, A. (14 de Fevereiro de 1997). O que Faz a História Oral Diferente. *Proj. História*, pp. 25-39.

Ribeiro, M. C., & Machado, A. L. (2014). O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. pp. 578-591.

Santos, A. C. (1994). FONTES ORAIS: TESTEMUNHOS, TRAJETÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIA. *Abordagens e Usos da História Oral*, pp. 1-13.

Silva, C. A., & Almeida, L. C. (2005). CONHECENDO HISTÓRIA ORAL: UMA EXPERIÊNCIA PARA A ENFERMAGEM. *Knowing Oral History: An Experience for Nursing*, pp. 97-101.

Silveira, É. d. (Julho/Dezembro de 2007). História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: História & Cultura*, pp. 35-44.

Smith, R. C. (Jan./Jun. de 2010). História oral na historiografia: autoria na história. *História Oral*, pp. 23-32.

Thompson, A. (15 de Abril de 1997). Reconstituindo a História: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias. *Proj. História*, pp. 51-84.

Thompson, P. (2002). *A Voz do Passado: História oral 3ª Edição*. Santa Ifigênia: Paz e Terra.

Vansina, J. (s.d.). Metodologia e Pré-história da África. *A tradição oral e sua metodologia*, pp. 139-166.

Vargas, F. G. (s.d.). Fonte: Acervo Fundação Getúlio Vargas:
<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>